



PRODUÇÃO DE ALIMENTOS SAUDÁVEIS EM UM QUINTAL URBANO

PRODUCCIÓN DE ALIMENTOS SALUDABLES EN UN PATIO URBANO

Sandra Marli da Rocha Rodrigues*
Jandir Rodrigues**
Fernando Jose Martins***
Júlio da Silveira Moreira****

RESUMO

O presente trabalho descreve uma experiência de produção de alimentos num quintal urbano, preservando e produzindo uma diversidade de hortaliças, plantas medicinais, alimentícias, aromáticas e não convencionais. Buscando recompor o equilíbrio e a fertilidade do solo, desenvolver técnicas e práticas de produção de alimentos saudáveis em quintais urbanos, construindo alternativas concretas para a produção de alimentos. A partir daí, explicita a importância de recolocar a vida na centralidade do desenvolvimento, abordando a problemática dos agrotóxicos e a trajetória de luta dos movimentos sociais pela preservação da vida em sua diversidade. A perspectiva da agroecologia alia a produção de alimentos saudáveis sem o uso de agrotóxicos com a soberania e segurança alimentar, a preservação dos saberes e da cultura alimentar dos povos. Como resultado, reconstrói e ressignifica as formas de produzir alimentos, de construir relações de respeito e cuidado com os seres humanos e com a diversidade de vida existente no planeta.

Palavras-chave: Agroecologia. Soberania Alimentar. Alimentos saudáveis. Quintal agroecológico.

RESUMEN

El presente trabajo describe una experiencia de producción de alimentos en un patio urbano, preservando y produciendo una diversidad de plantas de huertas, medicinales, alimentares, aromáticas y no convencionales. Buscando recomponer el equilibrio y la fertilidad del suelo, desarrollar técnicas y prácticas de producción de alimentos saludables en patios urbanos, construyendo alternativas concretas para la producción de alimentos. Desde ahí explicita la importancia de replantear la vida en la centralidad del desarrollo, analizando la problemática de los agrotóxicos y la trayectoria de lucha de los movimientos sociales por la preservación de la vida en su diversidad. La perspectiva de la agroecología une la producción de alimentos saludables sin el uso de agrotóxicos con la soberanía y seguridad alimentaria, la preservación de los saberes y de la cultura alimentaria de los pueblos. Como resultado, reconstruye y ressignifica las formas de producir alimentos, construir relaciones de respeto y cuidado con los seres humanos y con la diversidad de vida existente en el planeta.

Palabras clave: Agroecología. Soberanía Alimentaria. Alimentos saludables. Patio agroecológico.

* Graduada em Pedagogia para Educadores do Campo, Mestranda do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu – Sociedade, Cultura e Fronteiras, UNIOESTE Campus Foz do Iguaçu; e-mail: darocharodrigues@gmail.com

** Esudante de Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar da UNILA; e-mail: j.rodrigues.2016@aluno.unila.edu.br

*** Professor da UNIOESTE; Doutor em Educação; e-mail: fernandopedagogia2000@yahoo.com.br

**** Professor da UNILA; Doutor em Sociologia; e-mail: julio.moreira@unila.edu.br



1. INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende sistematizar uma experiência de produção de alimentos saudáveis e diversificados em um quintal urbano. Aborda desde a recuperação do solo “fonte de vida” à implementação de diversas técnicas que otimizam, melhoram e embelezam o espaço, desconstruindo a ideia de que cidade é feita só de concreto e de asfalto. Cidades podem e devem ser repensadas na perspectiva da melhoria do ambiente e da qualidade de vida, bem como da produção e consumo de alimentos saudáveis.

A compreensão do planeta como Mãe Terra, como ser vivo, tem conquistado espaço na sociedade, dada a urgência de repensarmos nossas ações enquanto sujeitos responsáveis ou corresponsáveis pela situação frágil em que o planeta se encontra.

Essa percepção tem se difundido no seio dos movimentos sociais nos últimos tempos, fortalecendo a agroecologia junto às organizações e movimentos sociais do campo, como alternativa sustentável de preservação dos bens da Natureza e de convivência harmoniosa e equilibrada agregando desenvolvimento humano, social, cultural, econômico e ambiental. Também como forma de enfrentar o desenvolvimento baseado no lucro, na degradação ambiental, no uso intensivo dos agrotóxicos, na contaminação dos alimentos e na destruição de todas as formas de vida.

2. CASA COMUM E AGROECOLOGIA

Meu povo ama a natureza como o recém-nascido ama o bater do coração da sua Mãe (Cacique Seattle)

Quando se fala em casa comum, estamos falando da nossa “Mãe Terra”, e como filhos e filhas dessa “grande mãe”, temos que repensar a responsabilidade e o cuidado com ela. Sob a luz da Encíclica Laudato Si, a chamamos de irmã, pois habitamos o mesmo planeta e precisamos ter a noção de que não somos donos e sim parte da natureza: “crescemos pensando que éramos seus proprietários e dominadores, autorizados a saqueá-la. [...] O nosso corpo constituído pelos elementos do planeta; o seu ar permite-nos respirar, e a sua água vivifica-nos e restaura-nos. (FRANCISCO, 2015, p. 9)

Essa percepção de mundo e da diversidade de vida que formam a teia de relações entre os seres vivos também fornece elementos e instrumentos para fazer a crítica ao modelo de sociedade e seu desenvolvimento, que ignora e menospreza



a vida em nome do lucro e da exploração desenfreada dos recursos naturais, que são bens da natureza. Modelo subserviente aos interesses do capital internacional, capaz de envenenar o solo, a água, o ar e o próprio alimento.

Conforme Pelaez (*apud* LONDRES, 2011, p. 21):

Existem atualmente 366 ingredientes ativos registrados no Brasil para uso agrícola, pertencentes a mais de 200 grupos químicos diferentes, que dão origem a 1.458 produtos formulados para a venda no mercado. São inseticidas, fungicidas, herbicidas, nematicidas, acaricidas, rodenticidas, moluscidas, formicidas, reguladores e inibidores de crescimento. Os herbicidas sozinhos representam 48% deste mercado, seguidos pelos inseticidas (25%) e pelos fungicidas (22%).

Com todos esses produtos liberados para uso na agricultura, não se pode falar em “uso seguro” de agrotóxicos, pois essa suposta segurança não existe. Pela quantidade aplicada, por falta de informação no manuseio e aplicação, muitos agricultores fazem suas próprias fórmulas misturando venenos para fazer as aplicações. Há ainda outro grave problema: a chamada “deriva”, que é o agrotóxico dispersado no ambiente, ou seja, não atinge o alvo, como explica Flavia Londres (2011, p. 23):

Trata-se do veneno que não atinge o alvo (a lavoura a ser tratada) e sai pelos ares a contaminar o entorno. E a chamada “deriva técnica” é a deriva que acontece sempre, mesmo quando todas as normas técnicas de aplicação são seguidas. Ela é estimada em pelo menos 30% de produto aplicado. Em alguns casos a deriva pode ultrapassar 70% (Chaim, 2003). Ou seja, não existe uso de agrotóxicos sem a contaminação do meio ambiente que circunda a área “tratada”, e conseqüentemente, sem afetar as pessoas que trabalham ou vivem neste entorno.

Mesmo quem não usa agrotóxico diretamente está sujeito à contaminação, seja pela água, pelo ar, ou pelos alimentos que são consumidos. O modelo capitalista no campo transformou o alimento em mercadoria, e seu acesso é controlado pelas grandes corporações, que dominam o processo produtivo, detêm o controle das sementes, insumos, agrotóxicos, medicamentos, tecnologias e grandes extensões de terras e territórios. Em nome do desenvolvimento, degrada, explora, destrói, mata e impõe padrões culturais e alimentares de acordo com os interesses do capital.

Vivemos num momento histórico no qual é urgente e necessário repensar a lógica do desenvolvimento, retirando o lucro e recolocando a vida na centralidade desse desenvolvimento:



A ecologia também serve de base para a crítica de um modelo de sociedade de consumo que esbanja recursos naturais e produz resíduos que poluem o solo, as águas e o ar. E é parte de uma crítica à destruição das culturas tradicionais e a busca de uma ética das relações entre diferentes grupos humanos e seu direito à vida e à plena manifestação cultural de seus elementos de identidade. (KAYSER, 2008, p.12).

Com a compreensão de que o Planeta Terra é nossa casa, não se pode ter uma visão fragmentada sobre a vida e o planeta, é preciso recuperar a cosmovisão indígena:

A cosmovisão indígena supera a concepção burguesa não só no âmbito da filosofia, mas também em sua noção de território, que também está fundada na integralidade do humano à natureza.

Para essa cosmovisão, a vida vem da terra, e isso tem um significado diferente da objetificação da terra na noção de propriedade privada e sua mercantilização. A terra não é necessária porque é fonte de renda, mas sim porque é fonte de vida, e da própria vida daquele que vive nela. Não basta o próprio conceito de terra, é preciso compreendê-la como natureza, que inclui todos os elementos constituintes da terra, mais a água, o ar, as árvores, as flores, os frutos, os animais e as energias todos esses seres movimentam com sua existência (MOREIRA, 2015, p. 10).

Na mesma perspectiva de ver o ser humano na sua integralidade, a Encíclica do Papa Francisco é mais um instrumento que questiona o sistema capitalista por colocar a vida a serviço do lucro.

O urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar. (...) O movimento ecológico mundial já percorreu um longo e rico caminho, tendo gerado numerosas agregações de cidadãos que ajudaram na conscientização.

Poderemos assim propor uma ecologia que, nas suas varias dimensões, integre o lugar específico que o ser humano ocupa neste mundo e as suas relações com a realidade que o rodeia. (FRANCISCO, 2015, p. 16-17).

A compreensão e cosmovisão da Terra como um ser vivo tem sido um dos alicerces da agroecologia, que é um conceito em construção, carregado de vida e



significações. Mas, o que é agroecologia afinal? No âmbito acadêmico, o trabalho clássico de Altieri (2015, p.53) informa que,

A ideia central da agroecologia é ir além das práticas agrícolas alternativas e desenvolver agroecossistemas com dependência mínima de agroquímicos e energia externa. A agroecologia é tanto uma ciência como um conjunto de práticas. (...) A agroecologia se fundamenta em um conjunto de conhecimentos e técnicas que se desenvolvem a partir dos agricultores e de seus processos de experimentação.

Com os movimentos sociais do campo, a agroecologia ganha vida, luta e movimento, indo além dos aspectos técnicos e acadêmicos para se constituir em instrumento de resistência e experiência de alternativa ao mundo do capitalismo. É a afirmação do campesinato como modo de vida integral. A agroecologia aqui não é só um modelo de produção e circulação, mas sim um modo de vida.

Para o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), a agroecologia é a uma ciência que estuda uma série de princípios e metodologias para desenhar agroecossistemas de produção ecológica, abordando a pesquisa e os conhecimentos históricos da humanidade, criando um sistema de produção que garante a diversidade genética na construção da soberania alimentar de todos os povos e na construção de uma sociedade com os valores da cooperação, solidariedade e na socialização dos bens da natureza. (CINELLI; SANTOS, 2015, p. 67).

Na visão do Movimento de Mulheres Camponesas,

[...] a agroecologia é um modo de vida. Vai além de uma forma de produção, busca a harmonia nas relações dos seres humanos entre si e com a natureza, produzindo e reproduzindo a vida, preservando e multiplicando a biodiversidade. A agroecologia não se resume simplesmente como “alternativa”, como forma diferente de obter lucro ou ganhar dinheiro, por isso, no campo, continuaria alimentando o sistema capitalista. A agroecologia constitui-se em uma ferramenta estratégica de resistência das camponesas e camponeses de proposição para um projeto de agricultura camponesa agroecológica, incorporando um novo modo de vida, baseado na construção de novas relações de gênero entre homens e mulheres e desses com a natureza, na produção de alimentos saudáveis e diversificados, no consumo consciente, na adoção de técnicas de produção menos agressivas ao meio ambiente e mais sustentáveis. Esse modo de vida significa a decisão pela defesa e continuidade de todas as formas de vida. (CINELLI; SANTOS, 2015, p. 67).



As definições de militantes de movimentos sociais, em seminários, trocas de experiências e jornadas, amplia a visão histórico-social, oxigenando o debate conceitual.

Compreende-se que ela seja inseparável das lutas pela soberania alimentar e energética, pela defesa e recuperação de territórios, por reformas agrária e urbana, pela cooperação, e da aliança entres os povos do campo e da cidade.

A agroecologia se insere, desta maneira, na busca por construir uma sociedade de produtores livremente associados com a sustentação de toda a vida, na qual o objetivo final deixa de ser o lucro, passando a ser a emancipação humana. (GUHUR; TONÁ, 2015, p. 36).

Há, portanto, uma convergência entre as diferentes concepções supracitadas, e seu pano de fundo é a defesa da vida. Lutar por agroecologia é lutar pela preservação da vida em sua diversidade.

3. EXPERIÊNCIA DE UM QUINTAL PRODUTIVO

Que teu remédio seja o teu alimento e que teu alimento seja o teu remédio (Hipócrates)

A seguir será registrada uma experiência de como é possível produzir alimentos saudáveis e diversificados em pequenos espaços, no caso um quintal urbano.

Quando passamos a viver num determinado local, temos que imprimir nossa identidade a esse local. Quando falamos em transformação, nosso discurso precisa se concretizar na nossa pratica cotidiana, nossa vida, nossa família e no espaço onde vivemos. Se nossa prática não for coerente com nosso discurso, nosso discurso pouco serve. Há um conhecido ditado popular que diz: “as palavras comovem, mas os exemplos arrebatam”. Se quisermos transformar as relações e a sociedade, a nossa prática precisa ser transformadora.

Nesse sentido, serão dedicados esforços para a sistematização da experiência de produção de alimentos saudáveis num quintal urbano na Vila C Velha em Foz do Iguaçu-PR¹.

¹ O relato de experiência é da família de Sandra Marli da Rocha Rodrigues e Jandir Rodrigues, dois dos autores deste trabalho, e inspira o conjunto mais amplo de concepções e reflexões aqui presente. Optamos por manter o relato na primeira pessoa do plural, mantendo a sua subjetividade essencial.



Nós vivíamos no campo, onde produzíamos alimentos para auto sustento e comercializávamos o excedente. A comercialização era feita na feira, na venda direta às consumidoras e consumidores, no Programa de Aquisição de Alimentos-PAA, na cerealista e no laticínio local.

Tudo o que era produzido na nossa unidade de produção camponesa tinha selo de produção agroecológica em conformidade com a legislação vigente.

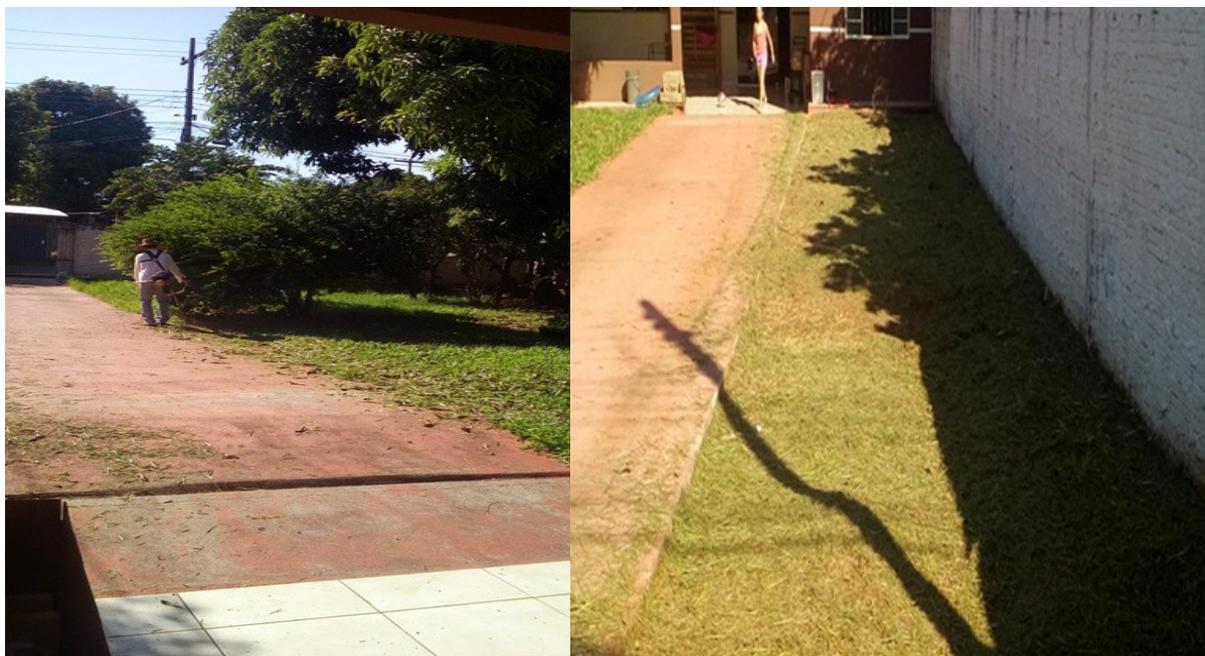
O trabalho era árduo, mas nos proporcionava muita satisfação em oferecer alimentos saudáveis para quem os adquiria e também nos proporcionava o bem viver, além de contribuir na construção e fortalecimento da agroecologia e no enfrentamento ao modelo de desenvolvimento imposto no campo.

O desafio que nos propomos é de escrever essa experiência de forma sistematizada, compreendendo a sistematização na perspectiva de Alba (2014, p. 28):

A sistematização, ao contribuir para explicitar os problemas e as possibilidades da relação teoria e prática, da interação entre o fazer e o refletir (práxis), conecta, na luta popular, o local/imediato ao geral/estratégico indispensável à prática política comprometida com a transformação social.

A mudança para a cidade gerou a preocupação de que encontrássemos uma casa que tivesse um quintal para fazer uma pequena horta, pois, nossas sementes e mudas eram parte importante da mudança. Abriríamos mão de qualquer coisa, menos das sementes e dos hábitos culturais e alimentares que viriam conosco, pois, são partes constituintes de nossas vidas.

Encontramos a casa que queríamos, com um amplo quintal, com árvores frutíferas, as quais eram: dois pés de manga, um pé de acerola, um pé de carambola, um pé de banana, um pé de lima, um pé de pitanga, dois pés de parreira e um pé de boldo. As árvores além de produzir frutos, nos proporcionam sombra agradável, onde tomamos mate, recebemos amigos e amigas e onde nossas filhas podem brincar tranquilamente ao som dos pássaros que aparecem sem avisar e nos brindam com seu canto e sua beleza.



Fazendo a limpeza e corte da grama. Fotos: RODRIGUES, Sandra Marli da Rocha.

A chegada em Foz do Iguaçu foi em abril de 2016, nos organizamos e começamos a limpeza do quintal e poda das árvores, definimos onde seria feita a horta e colocamos nesse espaço todos os resíduos sólidos, tanto do corte da grama, quanto da poda das árvores. Fizemos isso na intenção de sufocar a grama que já estava formada, e, quando ela morresse por asfixia já serviria de matéria orgânica, que junto com os demais resíduos iriam decompor e melhorar a fertilidade do solo. Esse era o primeiro passo, melhorar a qualidade do solo para começar a cultivar. Parafraseando Ana Primavesi “o segredo da vida está no solo”.



Cobertura com resíduos do quintal e preparação dos primeiros canteiros.
Fotos: RODRIGUES, Sandra Marli da Rocha.

Como tínhamos nossos pés firmes na luta dos movimentos sociais do campo, especialmente o Movimento de Mulheres Camponesas-MMC, Via Campesina, Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural (ASSESOAR), Rede Ecovida, Festas das Sementes e Jornada Paranaense de Agroecologia, esses espaços nos proporcionaram uma bagagem de conhecimentos e a compreensão política de que temos que articular a luta local com a luta geral, pela produção de alimentos saudáveis, por soberania e segurança alimentar.

Entendendo que a produção em quintais produtivos contribui para a construção e fortalecimento da Soberania e Segurança Alimentar, nesse sentido é importante compreender os conceitos de conferências mundiais registrados em MALUF, 2001, p. 17 e 23):

Soberania alimentar é o direito dos povos definirem suas próprias políticas e estratégias sustentáveis de produção, distribuição e consumo de alimentos que garantam o direito à alimentação a toda a população, com base na pequena e média produção, respeitando suas próprias culturas e a diversidade dos modos camponeses, pesqueiros e indígenas de produção agropecuária, de comercialização e de gestão dos espaços rurais, nos quais, a mulher desempenha um papel fundamental. [...] A soberania alimentar é a via para erradicar a fome e a desnutrição e garantir a segurança alimentar duradoura e sustentável para todos os povos.



Segurança Alimentar e Nutricional é a realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde que respeitem a diversidade cultural e que sejam social, econômica e ambientalmente sustentáveis.

STEDILE e CARVALHO (2015, p. 37) completam a definição de Soberania Alimentar:

É o conjunto de políticas públicas e sociais que devem ser adotados por todas as nações, em seus povoados, municípios, regiões e países, para garantir que, em cada local, se produza os alimentos necessários para a sobrevivência da população que ali vive. (...) Portanto, as políticas públicas, dos governos, estados e instituições, e as políticas dos movimentos de agricultores e da população, em geral, devem ser direcionadas para garantir os recursos e condições técnicas necessárias para alcançar essa condição, de produzir todos os alimentos básicos que um povo necessita em seu próprio território.

A partir dessa compreensão, articulada à luta pela preservação da biodiversidade, por novas relações entre as pessoas e com a natureza, pela garantia do direito humano a alimentação saudável e considerando o contexto sociocultural em que estamos inseridos precisamos primar pela autonomia na escolha do que vamos produzir e consumir, como nos orienta o Guia Alimentar para a População Brasileira (BRASIL, 2014, p. 22)

A constituição da autonomia para escolhas mais saudáveis no campo da alimentação depende do próprio sujeito, mas também do ambiente onde ele vive. Ou seja, depende da capacidade individual de fazer escolhas de governar e produzir a própria vida e também de condições externas ao sujeito, incluindo a forma de organização da sociedade e suas leis, os valores culturais e o acesso à educação e a serviços de saúde.

Nossa inserção e militância nas organizações, espaços de educação popular, de reeducação alimentar e valorização da cultura e dos hábitos alimentares nos proporcionou compreender a importância de adotar práticas sustentáveis, tanto para produzir quanto para consumir alimentos saudáveis e diversificados. Sobre



reeducação alimentar e a importância de se fazer escolhas mais saudáveis no dia a dia, o Guia (BRASIL, 2014, p. 22) sugere:

[...] possibilitando que ampliem a autonomia para fazer melhores escolhas para sua vida, reflitam sobre as situações cotidianas, busquem mudanças em si próprios e no ambiente onde vivem, contribuam para a garantia da segurança alimentar e nutricional para todos e exijam o cumprimento do direito humano à alimentação adequada e saudável.(p.22,2014).

Outra dimensão importante a ser considerada quando trabalhamos na produção de alimentos saudáveis é a de desenvolver nas crianças o sentimento de cuidado com a vida, e que se materializa no cultivo de alimentos e no contato com a terra e com os demais elementos da Natureza. A relação que as crianças estabelecem com os alimentos que são cultivados no quintal é bem diferente da relação com os alimentos que são comprados no mercado e que muitas vezes viajam dias e dias até chegarem às nossas mesas, esses alimentos são na maioria produzidos em larga escala, com o uso de agrotóxicos e transgênicos com baixo valor nutricional, são processados ou ultra processados e muitas crianças nem conhecem seu formato original, exemplo clássico dessa desconexão com a realidade é o leite, muitas crianças acreditam que o leite vem da caixinha e não da vaca. Diferentemente, os alimentos produzidos nos quintais e com os princípios da agroecologia, que além de nutrir o corpo, nutrem os sentimentos de satisfação em quem está produzindo, consumindo e oferecendo para família alimentos que promovem saúde e vida.



Tomates coração de boi
Fotos: RODRIGUES, Sandra Marli da Rocha.



Amarilis regando canteiro de beterraba.

Tudo o que se faz é aprendizado, como podemos observar a alegria e a satisfação que sente uma criança que está contribuindo no cultivo e que quando vê uma folha nova surgindo ou uma planta nascendo, chama carinhosamente de “bebezinho” e faz festa a cada descoberta, a cada flor, a cada bichinho que encontra nesse “mágico” e misterioso pedacinho de chão.

A produção é parte do processo, tão importante quanto o preparo dos alimentos e sobre o preparo o Guia Alimentar (BRASIL, 2014, p. 96) orienta:

Seres humanos são seres sociais e o hábito de comer em companhia está impregnado em nossa história, assim como a divisão da responsabilidade por encontrar ou adquirir, preparar e cozinhar alimentos. Compartilhar o comer e as atividades envolvidas neste ato é um modo simples e profundo de criar e desenvolver relações entre pessoas. Dessa forma, comer é parte natural da vida social.

Como seres sociais constituídos de alguns hábitos culturais e outros naturais, como o de se alimentar, por exemplo, precisamos estar em constante construção e ressignificação de nossos hábitos e valores, partilhar os trabalhos tanto do cuidado



com a casa, com os e as filhos/as, cultivo e preparo dos alimentos é algo que deve ser assumido por todos/as que vivem na mesma casa, desconstruindo assim, a cultura machista e patriarcal que define os espaços e trabalhos para homens e para mulheres. Isso se concretiza nas pequenas atitudes, no cotidiano de nossas famílias, na relação com o ambiente que nos cerca e com o contexto social em que estamos inseridos.

Sobre a importância do cultivo de alimentos em diversos espaços, que além de gerar bem estar e satisfação, propicia economia, aumento da diversidade e melhor qualidade dos alimentos, segue a sugestão do Guia Alimentar (BRASIL, 2014, p. 108):

Uma horta, mesmo que pequena plantada nos quintais das casas ou vasos pendurados em muros ou apoiados em lajes ou sacadas, oferece, a baixo custo, quantidade razoável de alimentos in natura muito saborosos. Procure obter orientações específicas para a produção orgânica em diversos ambientes e sobre os tipos de alimentos que melhor se adaptam a cada situação de cultivo e região. A produção doméstica de alimentos orgânicos pode ser trocada entre vizinhos de modo a ampliar o acesso a uma maior diversidade de alimentos.

É importante considerar também a dimensão da socialização que a produção no quintal produtivo possibilita, pois, além do consumo são feitas doações e trocas entre vizinhos(as) e amigos(as).

Para tornar o quintal um lugar produtivo, agradável, acolhedor e belo, desenvolvemos algumas técnicas de baixo custo e aproveitando o que o local dispõe, dentre elas destacamos: batata doce em torre (plantada de forma vertical dentro de 5 pneus), captação de água da chuva em tambores (capacidade total de 600 litros), compostagem (aproveitando resíduos orgânicos da cozinha e folhas do quintal), canteiro de plantas medicinais e aromáticas em andares (aproveitando tijolos quebrados), tutoramento de feijões de vagem (aproveitando o beiral da casa, a intenção é fazer uma parede verde), estrutura metálica para fazer o sombreamento da horta, plantio de tomates consorciado com abóbora de horta, contornando o muro e tendo o mesmo como suporte. Plantamos os canteiros de forma consorciada respeitando as características das plantas cultivadas. Tendo o cuidado em relação às plantas “amigas e inimigas” (conforme terminologia em BURG; MAYER, 2009), e fazendo o cultivo perene de plantas repelentes de insetos.

Esse espaço também se transformou em um ambiente pedagógico de aprendizagem e de socialização de conhecimentos, pois, muitas pessoas visitam no intuito de conhecer o quintal e as experiências que estão sendo desenvolvidas, trocar informações, pegar ou partilhar mudas e sementes. Citamos como exemplo, a



vinda de parte de uma delegação alemã em novembro de 2016, formada por uma camponesa, uma jornalista e escritora, uma nutricionista, um agrônomo e uma funcionária de uma cooperativa de comercialização, a delegação veio ao Brasil para conhecer as experiências de produção agroecológica de alimentos, dos programas governamentais como o programa de aquisição de alimentos – PAA, o programa nacional de alimentação escolar – PNAE e da participação social no conselho nacional de segurança alimentar e nutricional – CONSEA. Fotografaram e fizeram anotações sobre as experiências em desenvolvimento no quintal para implementar em seus locais. A delegação seguiu para a região Sudoeste do PR onde visitou a Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural – ASSESOAR em Francisco Beltrão, o Centro de Apoio a Pequeno Agricultor – CAPA em Verê, e a Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, campus de Laranjeiras do Sul.

Considerando que estamos falando de um quintal, onde se estão desenvolvendo experiências, o mesmo sofre as consequências do desequilíbrio ambiental, isso se percebe no ataque de insetos, infestação de fungos e pulgões e está sujeito as intempéries, causando perdas significativas da produção. Há um limite a ser superado, que é a monetarização das perdas, pois, ainda não conseguimos mensurar os prejuízos, no entanto, são bem menores do que os ganhos.



Diversificação da horta e canteiro em andares. Foto: RODRIGUES, Sandra Marli da Rocha.



Esse processo que foi iniciado em abril de 2016, possibilitou uma produção considerável, já cultivamos e/ou estamos cultivando plantas medicinais, alimentícias, aromáticas, flores, ornamentais e PANCs (plantas alimentícias não convencionais), as quais são: alecrim, arruda, losna, alfavaca, orégano, pulmonária, manjerona, poejo, três variedades de hortelã, cânfora, duas variedades de bálsamo, malva doce, mil em rama, duas variedades de babosa, duas variedades de boldo, duas variedades de cana de macaco, duas variedades de sálvia, quinoa, duas variedades de capuchinha, ora-pro-nóbis, yacon, inhame, três variedades de almeirão, cavalinha, alfavaca, guiné, arnica montana, quatro variedade de gerânio, erva cidreira, citronela, zinia, penicilina, açafão, tansagem, quebra pedra, beldroega, salsa parrilha, moranguinho, duas variedades de pimenta, quiabo, rúcula, cebolinha, caruru, espinafre, radiche, cravo de defunto, mamão, onze horas, alho porró, pepino, quatro variedades de couve, violeta medicinal, abacaxi, gengibre, hibisco (vinagreira), batata doce, maracujá, melão de São Caetano, endro, bucha vegetal, chuchu, alface, beterraba, cinco variedades de tomate, duas variedades de repolho, chicória, abobrinha, melancia, feijão e dezenas de plantas ornamentais e flores (dentre elas, orquídeas, cactos, suculentas, folhagens, açucenas e amarílis de diversas cores.



Preparação dos berços com tronco de bananeira para plantio dos feijões, consorciados com capuchinhas. Foto: RODRIGUES, Sandra Marli da Rocha.



Com toda essa diversidade cultivada, além de melhorar a alimentação e conseqüentemente a qualidade de vida e a saúde, tivemos uma redução mensal de custos com o mercado em torno de 200. Sem considerar o que foi doado, compartilhado com vizinhos(as) e amigos(as).

Tornar pequenos espaços urbanos em espaços produtivos é um dos mecanismos que possibilitam o acesso a alimentos saudáveis, proporciona uma economia considerável para as famílias, propicia maior autonomia e melhor qualidade de vida, nas palavras de Arl (2014, p. 12):

Por isso é necessária uma aliança estratégica entre campo e cidade na construção de um projeto popular para os territórios e para o Brasil, pois a melhoria da qualidade de vida, o acesso ao alimento de qualidade e sem contaminação, a reforma agrária, a reforma política e outras bandeiras são uma luta dos trabalhadores do campo e da cidade, e são condições importantes na transformação social.

A transformação desse quintal é um elemento importante, mas não basta em si mesmo, ou seja, precisa contribuir para o fortalecimento das estratégias de resistência as imposições do sistema capitalista e estar conectada com todas as dimensões da luta pela transformação da sociedade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo, procuramos tecer uma teia de inter-relações entre a concepção do planeta Terra como uma “casa comum”, como responsabilidade de todas e de todos que comungam da mesma preocupação com a manutenção e continuidade da vida, com a ecologia e com a agroecologia.

A agroecologia se apresenta como uma possibilidade concreta de aliar a preservação da biodiversidade, dos agroecossistemas, da construção de relações de respeito entre as pessoas e com a natureza, e sua viabilidade econômica, fazendo o enfrentamento ao avanço do capital no campo.

Outra demanda é de articular as questões supracitadas com a experiência em desenvolvimento num quintal urbano, mostrando que há possibilidade de produzir alimentos saudáveis e diversificados em pequenos espaços e como essa relação contribui para o bem viver, para o ambiente como um todo e para a soberania e segurança alimentar.



Há necessidade de divulgar as iniciativas na perspectiva de produção de alimentos saudáveis nos territórios urbanos, considerando a quantidade e potencialidade de espaços ociosos, que podem ser fonte de alimentos e de renda para muitas famílias que vivem em situação de insegurança alimentar.

Constata-se, no entanto, que para esse trabalho de reeducação alimentar, de aproveitamento dos espaços urbanos para a produção de alimentos saudáveis, faz-se necessário à conscientização para cobrar a implementação de políticas públicas em segurança alimentar e em reeducação alimentar, envolvendo os diversos atores sociais.

REFERÊNCIAS

ALBA, Rogéria Pereira. Aprendizados sobre o método de sistematização permanente. **Revista Cambota**. Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural – ASSESOAR, ano 40, n.269, Francisco Beltrão, 2014.

ARL; Valdemar. O campo como forma de produção e modo de vida. **Revista Cambota**. Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural – ASSESOAR, ano 40, n.269, Francisco Beltrão, 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Guia alimentar para a população brasileira** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica, - 2 ed. – Brasília :Ministério da Saúde, 2014.

BURG, Ines Claudete; MAYER, Paulo Henrique. **Alternativas ecológicas para prevenção e controle de pragas e doenças**. 32. ed. Francisco Beltrão-PR: Grafitec, 2009.

CINELLI, Catiane; SANTOS, Geneci Ribeiro dos. Feminismo, agroecologia e sustentabilidade. In: BONI, Valdete et al. **Organização produtiva de mulheres e promoção de autonomia por meio do estímulo à prática agroecológica**. Tubarão: Copiart, 2015.

FRANCISCO. **Laudato Si' Louvado sejas**. Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Edições Loyola, 2015.



GUHUR, Dominique Michèle Perieto; TONÁ, Nilciney. Agroecologia. In: MST. **Alimentação saudável**: um direito de todos! Boletim da Educação n. 13. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

KAISER, Arno. **Terra – Eco sagrado**: teologia da libertação e educação popular/ Arno Kayser, Ivone Gebara—São Leopoldo: CEBI, 2008.

LONDRES, Flavia. **Agrotóxicos no Brasil**: um guia para ação em defesa da vida. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2011.

MALUF, Renato S. **Segurança alimentar e nutricional**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MOREIRA, Júlio da Silveira. Natureza, território e direito. Uma compreensão filosófica do direito a partir da cosmovisão indígena latino-americana. Comunicação oral apresentada ao **V Congresso Brasileiro de Direito Socioambiental**, de 10 a 12 de novembro de 2015, em Curitiba.

STÉDILE, João Pedro; CARVALHO, Horácio Martins de. Soberania Alimentar. In: MST. **Alimentação saudável**: um direito de todos! Boletim da Educação n. 13. São Paulo: Expressão Popular, 2015.